N.° 482. Anno de 1830.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.° 297 1.° andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

QUARTA FEIRA 22 DE SETEMBRO. *S. Mauricio M.*

Preamar as 8 horas e 30 minutos da manhã.

CORRESPONDENCIA.

SNR. *Editor.* — Leio, ainda que com repugnancia, e semelhante aquelle que tem medo de pôr a mão em ferro em braza, esse infame papel, trombeta do Inferno, o Cruzeiro; e entre alguns numeros desse jornal absolutista deparei com o numero 91. Naõ lhe posso expressar a minha admiração, e pasmo por ver o dezaforo, e insolencia desse communicado do Compassivo, em que se pinta com as cores mais negras a augusta Camara dos nossos Deputados, e se apostrofa a S. M. o Imperador para que a dissolva! Mas bem depressa a minha admiraçaõ se converteu nessa nobre indignaçaõ, que experimentaõ as almas nobres, e sensiveis, amantes da sua Patria, e que somente desconhece o egoista insensivel, ou o omem sem merito: e' essa nobre indignaçaõ que inflama as almas dos bons Patriotas, e que produzindo no peito de Cataõ um justo ressentimento pelos sucessos da tirania de Cezar, lhe cauzou a morte. Porem basta de exordio, e ja se ve que eu naõ me poderia subtrair de responder a esse insultante e anarquico communicado; por ver que por elle se ataca o nosso sistema jurado, e se pretende arvorar entre nós o pendaõ da tirania. Posto que o inabalavel Somnambulo ja respondesse ao objecto em questaõ, com tudo quanto se dicer contra o Cruzeiro e Comp. e' pouco, e e' a esse respeito que bem quadra o — quod abundat, non nocet. Entremos em materia. Julga o Cruzeiro 91 que a Camara dos Snrs. Deputados esta' no cazo de ser dissolvida, e ouza apoiar os seos frivolos raciocinios com a respeitavel autoridade de Benjamin Constant. Ninguem ignora qne nas Monarquias Constitucionaes, raras vezes os Imperantes devem uzar desse direito terrivel, e sempre funesto nas suas consequencias de dissolver as Assembleas Nacionaes; mas quando a Lei Fundamental concede esse direito aos Monarcas, jamais devem fazer uzo delle, senaõ em ultimo extremo, quando motivos de interesse publico geralmente reconhecidos, quando finalmente a salvaçaõ da Patria o reclama poderozamente. O Monarea que ama a seos suditos, que se interessa pela sua prosperidade, e sua gloria, que tem em vista os seos proprios interesses nunca deve uzar d' um direito taõ violento, se naõ nas circunstancias apontadas, d' outra sorte elle abrira' o caminho da sua mesma ruina, e bem longe de conciliar o amor de seus suditos, sera' para elles o objecto do seu odio, e da sua vingança. Mas pergunta-se estara' o Brazil em circunstancias taes, que exijaõ a dissoluçaõ da nossa Camara electiva, com quer o Cruzeiro? Por ventura acha-se nutante a salvaçaõ do Estado, como terminantemente exige o §. 5 do Art. 101 da Constituiçaõ? E podera' S. M. I. uzar desse atributo do Poder Moderador d' um modo arbitrario, como quer o Cruzeiro? Dizemos redondamente que naõ. Mas em que cazos advoga Benj. Const. a dissoluçaõ das Assembleas Nacionaes? Pensamos que ninguem o ignora; naquelles que vimos de expor, quando os Reprezentantes da Naçaõ tem invadido os direitos do Throno, quando a anarquia reina no seio da Assemblea, quando em fim a maioria della tem manifestado sentimentos democraticos, opostos inteiramente ao sistema Monarquico-Reprezentativo. E' entaõ, e somente entaõ que o profundo Benj. Constant, e com elle todos os Publicistas modernos autorizaõ essa medida sempre assustadora. Mas o Cruzeiro que tudo tergiversa,

e poem a seu geito lança maõ da autori-
dade de Benj. Const., para com ella fa-
zer uma aplicaçaõ absoluta ao nosso es-
tado actual. Porem cauza rizo os moti-
vos que o Cruzeiro aprezenta para provar
que a Camara dos Snrs. Deputados esta'
no cazo de ser dissolvida, e vem a ser por-
que uma commissaõ de tres membros foi
mandada para examinar o arquivo, livros
&c. da Alfandega do Rio de Janeiro:
procedimento que o Cruzeiro classifica
de criminozo e anti-constitucional, por-
que invade dis elle a armonia e divizaõ
dos Poderes Politicos. Um tal argumen-
to merece o devido desprezo, e muito ma-
is por ser uma repetiçaõ do que dice o in-
fame Maia ex Redactor do Semanario Ci-
vico, a quem a Aurora N. 370 exuberan-
temente respondeu. O Cruzeiro para lan-
çar-o odiozo sobre a nossa Camara electi-
va, refere alguns factos do tempo da Re-
voluçaõ Franceza, praticados segundo
dis debaixo do pretexto especiozo do bem
Publico, querendo dar a entender, que se
a Camara naõ for dissolvida, os nossos
Deputados com o mesmo pretexto poderaõ
invadir os direitos de S. M. I. Naõ se
pode advogar o absolutismo com maior
descaramento! Pondo de parte os factos
da Revoluçaõ Franceza, que nas mãos do
Cruzeiro recebem as modificaçoens e im-
presscens que lhes quer dar, nos podemos
lhe aprezentar uma perfeita antiteze dos
atrozes crimes praticados pelos absolutis-
tas debaixo do especiozo veo da Salvaçaõ
da Patria; termo que na boca dos Tira-
nos e' sempre elastico, e mudá de forma,
de essencia, e de figura, assim como o
Proteo da Fabula; e sem recorrer a his-
toria antiga, vamos a exemplos recentes,
e que nos tocaõ muito de pertó. ¿Foi em
virtude da salvaçaõ da Patria, que Carlos
X. licenciou as guardas Nacionaes, o que
assustou os bons Parizienses, e lançou a
consternaçaõ no seio das Familias. Foi
pela salvaçaõ da Patria que sempre favo-
receu os Jezuitas, inimigos declarados de
todas as ideas liberaes, e que tantos cla-
mores fizeraõ elevar no seio das Camaras
Francezas. Foi pela salvaçaõ da Patria
que teve sempre junto a si perversos Con-
selheiros, e Ministros Traidores, odiados
pela Naçaõ, e indigitados pela opiniaõ
publica, como inimigos da Liberdade.
Foi pela salvaçaõ da Patria que teve o
desmedido arrojo de dissolver uma, e se-
gunda ves a Camara dos Deputados. Foi
pela salvaçaõ publica que se quis atrever
a regular as eleiçoens, e mandou suprimir
a liberdade do prelo. Foi pela salvaçaõ
publica que mandou a Gendarmeria car-
regar sobre o povo, e pacificos abitantes.
Foi em fim pela salvaçaõ publica que quis
ser Absoluto!! Mas em balde. O povo
cançado de sofrer tantas tiranias sacudio
o jugo que o oprimia, e se dermos credito
as noticias recentemente chegadas Carlos
X. mendiga azilo em Paiz Estrangeiro!
.... Veja-se o Cruzeiro neste espelho,
pondere seriamente sobre os ultimos acon-
tecimentos da França, peze as suas con-
sequencias, e veja se ainda se atreve a ad-
vogar a cauza do Absolutismo; Quem
podera' fazer retrogradar o espirito libe-
ral, o espirito dominante do Seculo? Os
prazeres da Epoca saõ a prosperidade do
mundo civilizado, e quem se atrevera' a
tirar-lha? As ideias liberaes estaõ liga-
das a essencia das Sociedades e' impossi-
vel termina-las! poderaõ ser sufocadas
por um momento, porem o seu triunfo e'
inevitavel. E' isto o que se acha compro-
vado com a historia, e recentemente com
os sucessos da França. O povo Frances
ama as Instituiçoens liberaes, e' idolatra
da gloria Nacional, e tem vigor suficiente
para obrigar o seu governo a collocar-se
no lugar que lhe pertence entre as Poten-
cias da Europa, e caminhar na vereda
Constitucional. Desenganem-se os Ab-
solutistas do Brazil, dezenganem-se os i-
nimigos da Liberdade, que seraõ elles os
primeiros que aõ de perder, se outra
ves tentassem arremeçar nos ao despotis-
mo antigo. A Liberdade e' o producto
da civilizaçao, e para tornar o Brazil de
novo escravo, era precizo primeiramente
reduzi lo a barbaridade. Saibaõ em fim
esses monstros perturbadores do repouzo
das Nacções, esses infames servis que as
condições do actual estado de civilizaçaõ
naõ se podem alterar por seos particulares
dezejos, e que nenhum Brazileiro jamais
renunciara' aos bens da epoca actual para
satisfazer seos ambiciozos delirios, ou os
sonhos da sua vaidade. Peze o Cruzeiro
maduramente as reflexões que vimos de
expender, e em fim tome de cor a maxima
que lhe vamos transmitir — O poder é
sempre efemero, quando luta contra a o-
piniaõ Nacional. Se elle brilha em des-
peito da opiniaõ publica, é somente um
dia, e as suas calamidades saõ como as i-
nundações que so duraõ por um curto pe-

riodo de tempo, passado o qual, tornaõ a perder-se na sua primitiva nulidade, entrando no estreito canal, d'onde tinhaõ sahido...... Dezejava, Snr. Edictor, continuar a responder ao Comunicado do Cruzeiro 91, mas como esta correspondencia ja vai sendo longa, eu me rezervo para outra, a que ajuntarei algumas reflexões, que me parecem necessarias.

Eu sou, Snr. Edictor

Seu respeitador.

* * *

COmo he provavel, que a pessoa, que nos enviou a carta abaixo transcripta, queira contar a outras, cuja estima prezamos muito, huma historia, em que nós sejamos muito culpado, passamos a publicala com as correspondencias em questaõ (que saõ as que se leem no appenso a este N.°) para que os nossos leitores decidaõ de que parte esta' a razaõ. Eis a carta. —

Snr. F.

TEndo lhe remetido sete correspondencias as quaes as julgei sem a minima criminalidade e caso a tivessem por ellas me responsabelisei, o Snr. athe o prezente naõ quiz ensirir na sua folha se naõ huma; e naõ sei a que atribua a sua repugnancia sobre as mais. Se por que as julgou futeis, nesta clace estaõ muitas que no seu Diario tenho encontrado; se por que supoem que naõ sou seu assignante esta' enganado pois todos os mezes recebe o Snr. os meus 640 por maõ de outro. Porem seja o que for eu me devo consolar pois me consta que taõbem tem repugnado enserir a duas correspondencias de outro sobre o mesmo objecto, donde concluo que o motivo procede naõ das correspondencias sim do fim a que ellas se dirigem, pois somos todos criolos e bem nos conhecemos, visto isto e mais dos autos queira entregar as ditas correspondencias ao Sr. Silva portador desta. Estimo passe com Saude.

De V. S.

Muito seu venerador e criado.

F.

Duas palavras sobre este conteudo. A condescendencia, que queremos ter com os nossos correspondentes (unico motivo de aparecerem essas futilidades de que nos accusa o Snr. F.) naõ deve estender-se a tanto, que so por hum objecto demos lugar a sete correspondencias; e nunca deve essa condescendencia tornar-se em obrigaçaõ, come parece querer dar a entender o Snr. F., que diz que so publicamos 1 das suas sete, quando foraõ duas, (vista aos Diarios de 17 de Agosto, e 4 do corrente) e que nos recusamos a receber outras duas, quando naõ recebemos se naõ huma, que queremos publicar agora, para dar-lhe mais este gosto, e vai no apenso com a assignatura — Vigario do Corrego. O mais naõ merece resposta.

Correio.

O Correio Terrestre para o Ceara', feixa a mala no dia 22 do corrente ao meio dia.

Quem tiver raiva que se inforque.

AS pessoas encarregadas dos festejos da dia 7 de Setembro, naõ lhes constando dever-se mais nada do que se encomendou e comprou para esses festejos, convidaõ ao Cruzeiro, e seus honrados correspondentes para declarar os nomes de quem quer que naõ esteja pago, ou mesmo de mandar os credores a botica de Bartholomeu Francisco de Souza na rua do Rozario para serem immediatamente pagos.

Avizos Particulares.

QUalquer Snr. Pharmaceutico que estiver nas circunstancias de se encarregar de huma Botica que novamente se vai estabelecer na Santa Caza da Mizericordia de Olinda, queira apparecer em Sessaõ da Meza da referida caza que se hade congregar no dia 22 do corrente, ou no Domingo immediato, para ahi tratar do ajuste e selario que devera' receber.

Qualquer pessoa que estiver nas circunstancias de se encarregar do concerto das cazas pertencentes ao Patrimonio da Santa Caza da Mizericordia da Cidade de Olinda, que se acha arruinada podera' querendo comparecer nas Sessões da Meza que se vaõ a fazer nos dias aprazados no anuncio acima, para ahi se convencionar a forma da convençaõ que a mesma caza devera' fazer com esse Snr.

Manoel Coelho da Silva, faz publico que tendo de receber huma legitima de 9 mil cruzados, tenciona vender por mo-

tivos de que achando-se impossibilitado para concorrer com o Inventario que se hade proceder em consequencia de lhe faltar prezentemente dinheiro por o naõ ter em sua maõ, convida por tanto a qual quer pessoa que se queira utilizar por compra de seus bens, na certeza de que se naõ hade desagradar do interesse que promete este negocio, adverte taõbem que naõ ha divida alguma, assim como sendo ja sitado o seo tutor para chegar os bens a inventario tem feito grande demora, cometendo a dito Manoel Coelho, huma acomodaçaõ para receber a metade, independente de mais partilhas, o qual naõ cedendo por pretexto algum, quer dispor da parte que lhe pertence; quem pertendei dirija-se ao beco de Joze Lourenço, D. 3.

Augusto, restaurador francez, aviza ao respeitavel Publico, que tem agora grande hospedaria de França, que tem quantidade de camarinhas, e quartos, os quaes se achaõ ornados e mobilhados ao gosto de Pariz, tem meios de agazalhar as pessoas de maior distinçaõ, que quizerom honralo em confiar se a sua eleiçaõ, o mesmo naõ se poupara' em procurar a milhor comida e arranjo, o serviço da caza sera' feito por criados brancos, tera' duas grandes salas para as pessoas que quizerem comer separadas, achar-se-haõ ali como no antigo estabelecimento almoços, e jantares a todas as horas, tem hum grande sortimento de vinhos finos, Francezes e outros, este novo estabelecimento tem a vista mais agradavel, e o fresco mais desejoso, tem taõbem quarto com banheiro para as pessoas que quizerem tomar banho, e faz-se banquetes para festas, cazamentos, &c.

Compra-se.

HUMA Gramatica Franceza, quem a tiver anuncie por este Diario para ser procurado.

Vende-se.

TABOAS de amarelo de custado, para concertos ou outra qualquer obra, ainda em bom uzo; em Fora de Portas no adro do Pilar N.° 153.

As Lusiadas de Camões, com estampas finas, e encadernaçaõ Franceza, sem uzo algum, e hum Diccionnrio das lingoas Franceza, e Portugueza, enriquecido de todas as frazes de folio, em bom uzo; na rua do Queimado D. 16, 2.° andar.

Huma venda com poucos fundos, e todos os pertences de huma padaria, com comodos para huma pequena familia, no Forte do Mato; defronte da Madre de Deos, na loja de ferrage, N.° 201.

Patativas, Bicudos, Corijós, Canarios, e huma Rolla de Angolla; no botequim, de 2 portas, do Albuquerque, na rua do Rozario.

Viagens.

PARA à Bahia com escalla por Maçaió, o muito velleiro e bem construido Bergantim Paquete da Bahia, ate' ao prefixo dia 26 do corrente, quem nelle quizer carregar ou hir de passagem (pois para isso tem excellentes comodos) dirija-se ao seu consignatario Manoel Joaquim Ramos e Silva.

Furtou-se.

DO armazem de Luiz Gomes Ferreira & Mansfield, na praça do Commercio nas cazas de J. B. Branco, onze sextos com vinho de Champanha, e huma porçaõ de couros, o dito armazem amanheceo aberto no dia 20 do corrente, e foi aberto com chave falsa, pois naõ se conhece arrombamento, quem descobrir algum dos artigos roubados, e os ladrões, e der dos mesmos informaçaõ sera' bem recompensado, pois tem-se mais em vista o castigo dos delinquentes do que mesmo o valor do roubo; adverte-se que os sextos saõ marcados com as letras FCF, JB.

Noticias Maritimas.

Sahidas.

DIA 16 do corrente. — Londres; E. Ing. Champion, M. J. B. Blackaller, equip. 7, carga assucar e couros.

Dia 17. — Lisboa; B. Port. Dois Irmaõs, M. Joaõ Lopes de Souza, equip. 16, carga couros e assucar. — Rio de Janeiro, com escalla por Bahia; Paq. Ing. Eclipse, Com. Charles W. Griffin.

Pernambuco na Typografia do Diario.

APENSO AO DIARIO N.° 482.

Snr. Edictor.

TENDO de costume desde a vida do meu falecido pai, hir todos os Sabados levar huma carga de farinha a Villa de Serinhaem, dala a troco de dinheiro, e empregar este no meu pezinho de carne de assogue, bacalhão, e carne do siara'; chegando a dita Villa fui chamado para huma caza aonde estavaõ dentro humas quatro pessoas com aspecto de quem estavaõ tramando algum calote: hum delles que reprezentava de dono de caza, estava sentado em huma rede, lendo por hum papel; este ajustou comigo a farinha, e em quanto eu media, continuou a ler o dito papel no qual falava muito mal do Juiz de Paz desta mesma Villa; acabou deste, foi-se a outro com unhas e dentes, e torna a falar mal do mesmo Juiz de Paz; acabado de ler estes diz para os outros sucios, isto naõ val nada este outro (pegando em outro papel) he chefe de obra, e principia a ler o terceiro; outra descompostura contra o mesmo Juiz, dizendo: que o Juiz tinha huma Dulcinea, e que indo la' a noite encontrara-se com hum competidor com quem ella repartia suas graças, que lhe dera hum tiro com huma pistola, que o matara, que tocara a rebate no sino da Cadeia, que apanhara gente por levar caõ, e por naõ levar caõ. Eu Snr. Edictor como conheço que o Juiz de Paz naõ he destas poucas vergonhas, e que trata a todos muito bem, tanto aos ricos como aos pobres, larguei a cuia com que estava medindo a farinha e dice para o sugeito que estava lendo: Sua Mercé naõ me dira' quem foi que escreveo tanta mentira junta; respondeo-me elle que naõ sabia, que o Cruzeiro era quem dizia, e que aquillo tudo era verdade. Griteilhe eu — Santo breve da marca, em nome da benta ora — a pois meu Sinhorzinho, Sua Mercé naõ mora aqui mesmo dentro da Villa, e naõ vio como isto aconteceo, como agora diz que tudo isto he verdade? Snr. Edictor benzime trez vezes, tratei de arrumar outra vez a minha farinha no saco; e fui dizendo o Credo em Cruz: porque Snr. Edictor quem he capaz de afirmar semelhantes mentiras era muito capaz de me naõ pagar a farinha: vendia em outra parte, comprei as minhas encomendas, e fui para caza pensando no tal embusteiro. No outro dia de manhãa fui a missa na caza do meu Snr. de Engenho, e como tenho muita fé neste homem por ter seguido todos os partidos, e de todos sempre se sai bem, depois da missa contei-lhe o que me tinha acontecido no outro dia na Villa de Serinhaem: disse-me o dito Snr. de Engenho: que quem fala neste Juiz de Paz era hum periodico chamado — Cruzeiro — cujo periodico, e seus correspondentes protestaraõ naõ falarem verdade; para o Domingo seguinte eu lhe contarei qual he a cauza, porque falaõ apaxonados deste Juiz de Paz. Snr. Edictor para que este mofino naõ ande espalhando tanto aleive; lhe comunico o encontro que tive naquella Villa, e quando o meu Snr. de Engenho me contar o motivo porque tanto falaõ do dito Juiz de Paz, lhe participarei. Sou Snr. Edictor

Criado prompto.

O Pojucano.

Snr. Edictor.

O Prometido he devido. Na minha primeira carta fiquei de lhe comunicar (logo que o meu Snr. de Engenho me contace) o motivo porque esta' a sucia taõ indisposta contra o Juiz de Paz. No Domingo seguinte logo depois da missa, chama-me o meu Snr. de Engenho para o seu baginete e dis-me; fiquei de lhe contar o motivo porque estas pessoas da sucia do cruzeiro saõ indispostas contra o Juiz de Paz de Serinhaem; sabes muito bem que elle naõ deixa passar camaraõ pela malha, que ja' prendeo tres embuabas, que passaraõ com negros furtados pelo seu destricto; que tem prendido indididuos com passaportes falsos; que prendeo hum ladraõ de Ipojuca trazendo passaporte do seu Juiz de Paz, e outro do Capitaõ Mor do Cabo, e que depois de prezo o Juiz de Paz de Ipojuca officiara a aquelle que, se por aquella Freguezia aparecece F. que o prendece naõ obstante aprezentar passaporte seu, pois elle o passou para o dito naõ se evadir; que elle disfeis a venda de hum Engenho com escritura falsa; e finalmente tem posto o seu destricto em estado

de se poder tranzitar sem risco ; que naõ cede a empenhos para faltar ao seu dever. Porem com tudo devo-lhe dizer, que he bom que lhe aconteça destas e doutras piores, para elle naõ querer ser hum exato observador da Lei. Eu vejo no Recife na prezença da Relaçaõ, Ouvidor do Crime, Comandantes de Policia, Juizes de Paz, passarem carros e carretas ; os continuos furtos que se estaõ fazendo no Recife, Varzea, Piranga, Cabo, Ipojuca, Una, &c. e as autoridades nem se abalaõ ; naõ obstante as frequentes ordens do Excellentissimo Snr. Prezidente ; e so' o Juiz de Paz de Serinhaem ade querer fazer-se celebre, e ser o exemplar ? naõ Snr. : ceda aos seus empenhoszinhos, receba alguma couza que se pareça com dinheiro &c. &c. Que se importa o Juiz de Paz que se ataquem casas, furtem-se cavalos, escravos, engenhos &c. taõ ridiculas ninharias, que naõ merecem a pena ; meta-se com a sua plantaçaõ de canas, e deixe o mundo andar como vai, e logo naõ hade sahir mais no Cruzeiro ; se duvida do que lhe digo pergunte ao meu confessor o Padre Joaõ das Neves, morador naquella Villa, que muitas vezes me tem repetido isto mesmo. Aqui parou o meu Sr. de Engenho, e eu embasbacado pequei no meu chapeo, corri para a minha caza, e principiei a escrever-lhe pouco mais ou menos ô que me foi lembrando, pois Snr. Edictor o homem neste dia falou pelos cotuvelos, e eu lhe hirei contando tudo quanto for sabendo.

Sou Snr. Edictor.

O Idem.

Snr. Edictor.

LI em o N.º 55, do Cruzeiro huma arguiçaõ pezada, contra o Juiz de Paz da Villa de Serinhaem ; sobre a qual nada digo, por me faltar o conhecimento do que por ali acontece ; bem que suspeite o contrario, tanto por naõ ter ouvido a outro algum queixar-se daquelle Juiz de Paz, como porque o Cruzeiro costuma dizer o que quer por ter na Cadêa quem as cartas lhe assine. Porem engasgou-me está clauzula — despotazinho de elleiçaõ popular — quando ao mesmo tempo fala do Juiz Ordinario da mesma Villa. Portanto Snr. Edictor, permita-me que faça estes inocentes quezitos. 1.º Se os Capitães Mores e Juizes Ordinarios saõ de eleiçaõ popular. 2.º Se saõ porque so' dá' este epiteto ao Juiz de Paz. 3.º E se naõ saõ por que naõ confronta os prezentes Juizes de Paz, com os Capitães Mores do bom tempo, dos quaes alguns excediaõ ao mesmo Dionizio de Sicilia ? 4.º Se este modo de falar procede do muito amor que tem o correspondente do Cruzeiro, ou este ao actual sistema. Snr. Edictor se naõ houver quem se digne responder, queira illuminar a hum dos que naõ he

Espirito de Contradiçaõ.

Snr. Edictor.

Hum dia que recostado,
A morfeo me sugeitava,
Galante sonho occupava,
Meu pensamento agitado.

Mart.

HUMA destas noites passadas, tendo chegado do meu trabalho alguma cousa fatigado, sem me emportar mais com seia, lanceime sobre a minha pobre rebeca, e ahi conselieime com hum deliciozo sono ; eis que sobre a madrugada apareceme a deslambida alma da minha defunta avó ; e toda assustada dis-me : naõ sabes, meu filho, de huma grande novidade ! e eu sem a deixar proseguir, a fui logo interrompendo : he o planeta minha avó que disiaõ estava para aparecer, o qual levaria com sigo a lua ! Respondeo-me qual planeta, he cousa muito pior ; foi huma reprezentaçaõ que fez o criminoso Manoel Affonço de Mello, contra o Juiz Ordinario da Villa de Serinhaem, triste do pobre Juizs, naõ havera' quem lhe acuda ! dice eu pois, minha avó, esta reprezentaçaõ por mais pezada que seja, nunca hade ser pior do que a ida da Lua com o planeta, porque neste cazo os ladroes nos dilaceraraõ na excuridade da noite : e queres couza pior que a reprezentaçaõ de huma potestade contra hum farroupilha ; porem minha avó Vm. naõ me contara' o que continha a tal reprezentaçaõ ! Naõ a tenho toda em lembrança, mais em suma era a seguinte. — Illustrissimo Snr., acuda-me com a sua divina mizericordia, pois o Juiz Ordinario da Villa de Serinhaem coloiado com Joze Antonio Pessoa deu huma querella contra mim, donde me sobreveio prizaõ ; he verdade Snr. que eu attaquei com a minha fabrica, e huns facinorozos o Engenho do tal Pes-

soa ; destrui, quebrei, e arrazei ; porem ja tinha tirado seguro, se bem que naõ o tivece aprezentado ; por o naõ julgar precizo segundo me tinha afirmado hum amigo em cuja caza me arranxara ; confeço que eu quis zombar do Juis, pois quando elle sahio da audiencia, me pus na porta para lhe fazer acinte, mas sobre mim elle naõ tinha authoridade, naõ obstante eu estar no seu rol de culpados ; e se me sugeitei a prizaõ, foi porque estava desapersebido, e naõ tinha com migo os Cabocolos de Jacuipe — Aqui exclamei Snr. Editor, minha avo' naõ chamara' em socorro do disgraçado Juis as almas de Carlos Magno, Roldaõ, Ferrabras, e outras do mesmo jaez — E como hum tal procedimento (continua minha avo') feito por hum punhado de Demagogos, e anarquistas vai em oprobrio da minha graduaçaõ e medalhas, suplico me venha por piedade valer. Cadeia da Villa de Serinhaem 2 de Julho de 1830. A ouvir o termo — Cadeia — Snr. Editor, dei huma taõ forte garhalhada que espantei minha avo', e imediatamente acordei. Snr. Edictor isto foi sonho, e por conseguinte pode tudo ser istoria ; porem se verificarse, e aparecer a lus do dia, entaõ lhe farei as devidas observações. Sou Snr. Editor

O Malassombrado.

F.

VAI mais este anuncio pelas mesmas palavias do Cruzeiro, para quebra do que tem ido, advirto as notas que vaõ trocadas. Adeos

O mesmo.

NAõ sabemos o que isto he : he huma cousa, de que se nos argue por naõ ser publicada ; eila ahi vae tal qual — Devemos dizer em abono da verdade, que nos consta, que naõ houve tal morte no Arraial ; houve hi huma dilig encia, executada pelo Snr. Tenente Coronel Martins no noite do dia 13 de Julho, na qual houve fogo entre os ladrões e a patrulha, de cujo facto se fallou em nosso Diario de 15 daquelle mez, e disse o author do comunicado haver morrido hum dos ladrões, *segundo lhe afirmaraõ* ; mas na verdade naõ houve tal morte, e quando a houvesse pensamos, que o Snr. O mesmo, naõ quereria, defendendo o Snr. Juiz de Paz (o que tambem fazemos) que o Snr. Martins desse abraços em troco de ballas : se o Cruzeiro grita, he porque pensa, como o Snr. O mesmo, mas naõ queremos imitar o Cruzeiro. Quando naõ se trata de partidos, e sim de actos legaes, ou illegaes, deve-se dar a razaõ a quem a tem, e julgar imparcialmente, sem nos importar, que o homem seja liberal, ou naõ liberal : naõ he esta a marcha do Cruzeiro ; mas nós naõ estamos na fileira do Cruzeiro para seguirmos a cadencia da sua marcha. Naõ queremos fazer a deffeza do Snr. Tenente Coronel Martins ; porem julgamos do nosso dever desmentir huma falsidade, de que estamos informado.

O Editor.

(*a*) QUEM saberá' dizer se ja se mandou proceder contra o Tenente Coronel Francisco Joze Martins ? Ficaraõ impunes taes atentados ? Se o Snr. Tenente Coronel fosse da sucia farroupilhica quem se poderia entender com a gritaria dos Cogumelos ! Mata-se no Arraial aquele pobre homem, e fica tudo impune !!! (*b*) Pergunta do

Xico Caraolho.

(*b*) Como os farroupilhas naõ podem recalsitrar contra a verdade, naõ desconheço o grande elogio que o Snr. Martins merece ; porem devo diser o morto no Arraial podia ser irmaõ gemeo de Francisco Ignacio em Serinhaem apesar de ser este mais destinto por ser patricio do Illustrissimo Snr. Vitoriano Gomes.

(*a*) Como na Typografia do Diario naõ tem a manopla do Japaõ ; bote-me hum borraõ em todos os Cruzeiros.

Snr. Editor.

LI no Cruzeiro da enxovilha N.° 87, uma correspondencia do meu Sacrista dirigida contra mim que sou o seu Vigario do Corrego, ora, Snr. Editor, da-se maior disaforo do que um Sacrista escrever contra o seu Vigario ? a um Vigario taõ bom como eu ! Olhe Snr. Editor eu sou

um Vigario taõ bom que em 1824 naõ fui Vigario, fui Pae dese caxorro dese Sacrista: por que atendendo eu as suas circumstancias deilhe Licença lata longa, e furibunda para ele matar encomender, e enterrar (com as unhas) todos os Engenhos, bois, e cavalos dos Jacubinos da minha Freguezia, e tudo o mais que eles posoiaõ, e se lhes podese lançar o gatazeo; e com que me paga ese dislambido Sacrista? dando-me na sua correspondencia um b.. que e' um vazo em que ele toma xa. O bruto sacrista inda leva avante o seu atrevimento; e promete que breve ade analizar a minha correspondencia. Olhem que confiansa de Sacrista! ele quer analizar a minha obra! Obra feita pela maõ Paroquial, e benta unha! Naõ sabe ese Sacrista que eu sou um omem sabio, e que a minha irudita, formidoloza, discreta, e contumelioza pena e' insucetivel de erros; olhe, Snr. Editor, ate' e' imposivel eu naõ ser sabio; e entaõ quándo? se fose uns tempos mais aqui atraz, bem: porem agora? o meu Sacrista esta' louco! agora! agora! depois que eu tenho tomado cento e noventa, e nove dozias de Le Roi, e em consequencia tenho lido o seu folheto cincoenta e uma vezes. Olhe Snr. Editor eu neste folheto de Mr. Le Roi, que tenho lido, tenho adquerido um bando de ideas, em fim se eu com ensinar alguns mezes uns meninos a ler, fiquei sabio muito mais sabio estou agora: o' la' agora! estou eu sabio confirmado, porque no tal folheto eu tenho adquerido muitas ideas de tradusaõ porque como elle esta' traduzido eu sei muito bem que a' quem saiba traduzir um edioma de lingoa para outro tenho adquerido ideas de Geometria tanto asim que o meu Paroquiano o Papa-feios inda me naõ pòde dar volta nos calculos que lhe fiz na rematasaõ do contrato das carnes, e isto nem ele que e' astrologo, e nem o meu fiador Correa que e' Piloto que sempre me anda com um olho feixado, e outro aberto observando a barra em seco, e alem disto e' inspector das calsadas desta Vila, tenho mais no dito folheto engolido muitas ideas de Jurisprudencia tanto asim que o meu ingrato Sacrista bem sabe que nesta Villa eu sou advogado, Escrivaõ, Meirinho avaliador, &c. e algumas vezes Juiz, em fim nos Auditorios desta Vila eu sou o Alcoviteiro da Justiça, e muitas vezes tenho alcovitado a favor dese Melado Sacrista, ese ingrato que vai agora la' para o Recife por o seu vigario pela rua da amargura com o Cruzeiro as costas. Pois saiba o meu Melado Sacrista que eu no folheto de Le-Roi mamei muitas ideas de Retorica, e belas letras, (que belas letras naõ e' mais do que uma propensaõ natural da Retorica asim como as *maleitas* e' uma propensaõ natural do corpo umano Le Roi L. 150 C. 1000 Vs. 159 quest. 30.) Em fim o Meu Sacrista Melado bem sabe que eu aqui em Serinhem sou o sabio da terra todos os omens se vem com migo aconselhar e &c. e eu sou aqui o Vigario do Corrego: todos me ouvem que ficaõ de queixo a banda e asim — siviritatis nico vobis, qui naõ credilis miquis? — Le Roi L. 200 c. 0$9 q. 300 part. 8.

Queira pois Snr. Editor escrever na sua tropogafria o tipo do prelo desta minha carta (olhe como eu sei dizer estas palavras!) para que ese mau, e Melado Sacrista saiba que me naõ foi desdoiro confesar em fe' de Paroco que o Juiz de Paz, fez a morte, o tudo e', a quem foi que ele matou? foi ao arranca touco por quem o meu Paroquiano Malunguinho mandou matar ao Advogado Dionizio Gonsalves Pinto Lisboa, e como o matou? vendo-o, e querendo-o prender, o como era de seu dever prender um criminozo de morte, e que andava asintemente nesta Vila por mandado do mesmo Malunguinho, e &c. e saiba mais o meu Melado Sacrista que os tempos andaõ criticos, e que se ele se andar fazendo pimpaõ eu o eide lansar fora da minha sacristia.

Eu sou Snr. Edictor

Seu obrigado cativo e omilde Capelaõ.

O Vigario do Corrego (a)

(a) Vigario do Corrego: vulgarmente se xama a certos omens que a' nas terras pequenas a quem todos tem por sabio, e experiente, e todos o vaõ consultar para tudo: em termos mais claros e' um Capoté. *(N. do Corr.)*

Pernambuco na Typografia do Diario.